



Incidência da antracnose em cultivos de cajueiro em Mato Grosso

Roberta Flávia Cipriano Machado^{1*}, Leandro Rafael Fachi¹, Lidiane Miranda da Silva¹

¹Mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Genética e Melhoramento de Plantas da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

^{1*}Autor para correspondência: robertafcmachado@gmail.com.

O cajueiro (*Anacardium occidentale* L.) apresenta grande destaque entre as plantas frutíferas tropicais. A cultura é estimulada pela exportação do produto industrializado e pelo consumo interno. A partir do pseudofruto (pedúnculo hipertrofiado) são fabricados vários produtos como sucos, cajuína, néctar de caju, caju em calda, caju-ameixa, caju cristalizado, geléia, doce em massa, licor, aguardente, vinagre e vinho. Oriundo do fruto (castanha) além da amêndoa, destinada grande parte à exportação, é também extraído o LCC (líquido da castanha de caju) utilizado na indústria química para obtenção de resinas, fabricação de tintas, vernizes, esmaltes, lonas de freio para veículos, entre outros (KIMATI et al., 2005; SERRANO e PESSOA, 2016).

No entanto, apesar da expressividade da cultura, ainda existem muitos problemas, tais como a baixa produtividade, irregularidade nas

precipitações pluviométricas, falta de uniformidade de plantio e incidência de pragas e doenças, que ocasionam perdas que podem chegar até 40% do volume total da produção, além de alterar a qualidade do produto que chega ao consumidor (AGEITEC, 2016). Entre as doenças de maior importância da cultura encontra-se a antracnose, causada pelo fungo *Colletotrichum gloeosporioides* (Penz) Penz. e Sacc). Este patógeno produz numerosas estruturas de reprodução chamadas de conídios nas lesões, em ambas as faces das folhas, nos caules, ramos, frutos e pseudofrutos (AGEITEC, 2016). A antracnose é considerada a mais severa doença do cajueiro no Brasil, tanto pelo fato de abranger todas as áreas produtoras, como pelo volume de danos econômicos que pode provocar. Tais prejuízos causados pela doença podem ocorrer em pomares diversificados do ponto de vista



genético ou em campos cultivados sob sistemas de manejo mais tecnificado, onde são utilizados clones melhorados, sendo necessário apenas que as condições climáticas sejam favoráveis e o cajueiro encontre-se na fase de lançamento foliar ou floral (AGEITEC, 2016). De maneira geral, a antracnose pode ser bastante severa em épocas mais úmidas e temperaturas amenas, ao redor de 25°C (KIMATI et al., 2005). A doença se torna ainda mais importante em localidades onde o verão é quente e chuvoso, visto que estas condições favorecem a disseminação e a infecção do fungo. Seus danos são provocados nos frutos, ainda nas plantas, ou após a colheita. Ataca diversas culturas além do cajueiro, como abacateiro, berinjela, cafeeiro, caqui, citros, macieira, mangueira e videira (AGROLINK, 2016). Os sintomas desta doença podem ser observados em toda a parte aérea da planta. Todavia, são mais comumente encontrados nas folhas. Geralmente, o início da doença é determinado através de sintomas como manchas irregulares e de coloração parda nas folhas jovens, tornando-se avermelhadas à medida que as folhas envelhecem (Figura 1 - A) (KIMATI et

al., 2005). Kimati et al. (2005) relata que em maior severidade, toda a folhagem fica retorcida e deformada, semelhante a uma queima. Como o processo infeccioso ocorre nos tecidos tenros e jovens, as lesões tornam-se delimitadas quando os tecidos amadurecem, podendo, rasgar-se, deixando orifícios no limbo foliar.

As lesões podem ser observadas no eixo das inflorescências, apresentando-se com características típicas das antracnoses, isto é, de coloração marrom-escura, ovaladas ou arredondadas, às vezes com aparecimento de uma goma (Figura 1-B) (KIMATI et al., 2005). Quando no fruto e no pedúnculo, os sintomas principais são também lesões escuras e arredondadas, porém, no pedúnculo pode ocorrer rachaduras e apodrecimento total com relativa frequência (Figura 1- B e D) (KIMATI et al., 2005). A sobrevivência desse fungo ocorre internamente nos tecidos infectados, em restos de cultura no solo ou na própria planta. O processo de disseminação dentro do pomar é realizado pela água da chuva e pelo vento, sendo o primeiro responsável pela maior participação neste evento (KIMATI et al., 2005).

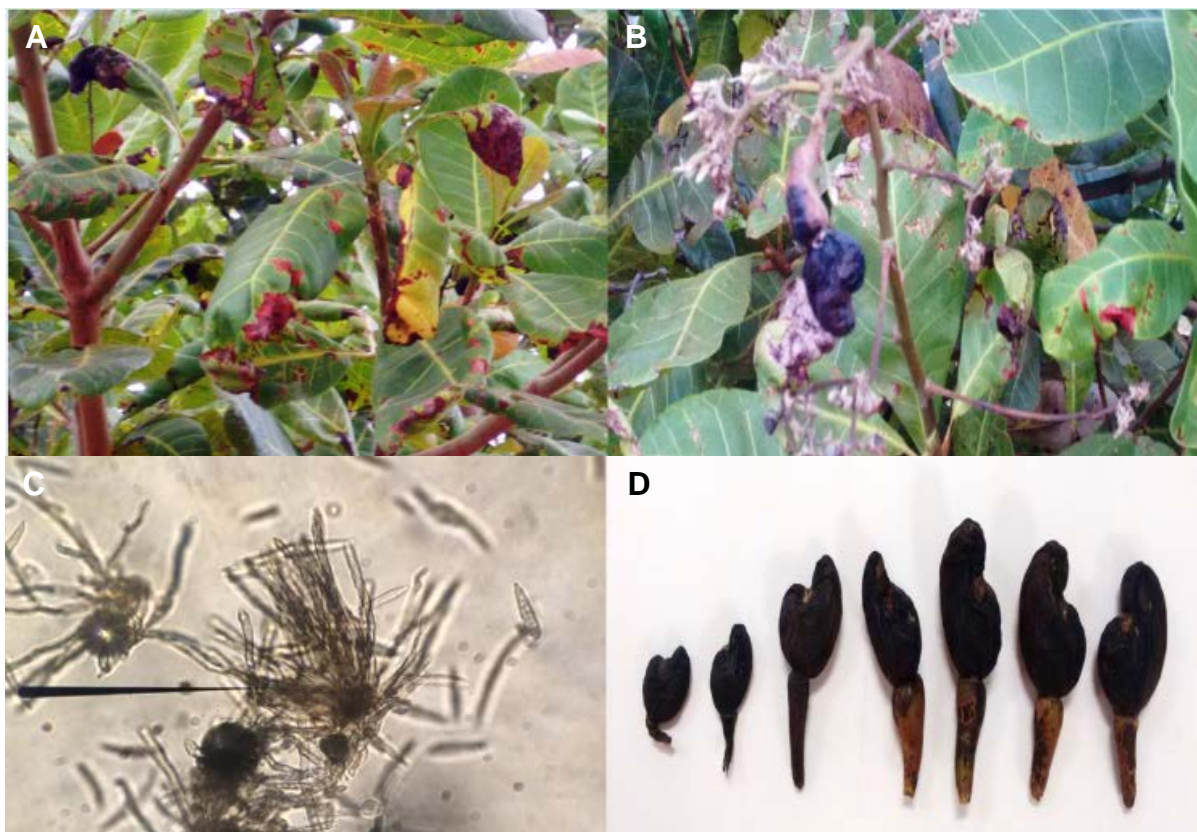


Figura 1. A) Parte aérea com sintomas severos da antracnose. B) Fruto e flores com sintomas da doença. C) Aspecto morfológico do fungo *Colletotrichum gloeosporioides* (Penz) Penz. e Sacc) – estrutura acérvulo. D) Frutos (castanha) necrosados – sintoma da doença. Tangará da Serra-MT. Fonte: Silva e Machado, 2016.

O controle da antracnose do cajueiro pode ser realizado através do emprego de produtos químicos, como oxicloreto de cobre, hidróxido de cobre e mancozeb, aplicados em pulverizações a partir da emissão das folhas novas, logo após as primeiras chuvas, e também durante a floração, em intervalos quinzenais. Geralmente, três a quatro aplicações são suficientes para se obter um bom

controle da doença. Entretanto devido a altura das plantas e desuniformidade das copas encontradas no caso do “cajueiro comum”, o tratamento químico é feito com certa dificuldade. Entretanto na variedade “cajueiro anão-precoce”, também chamado cajueiro-de-seis-meses, de porte baixo e copa uniforme, o controle químico de antracnose ocorre com maior eficiência (KIMATI et al., 2005).



Alternativamente e com boas perspectivas encontra-se o uso de variedades resistentes. No Nordeste, programas de melhoramento genético do cajueiro direcionados para o tipo anão-precoce vêm sendo conduzidos na Unidade de Pesquisa do Litoral - EPACE (Pacajús, Ceará) (KIMATI et al., 2005).

Além destes métodos de controle, o emprego de medidas de sanidade como poda de limpeza e queima do material doente antes do início da brotação, representam uma medida auxiliar de controle capaz de reduzir o potencial de inóculo presente na área (KIMATI et al., 2005).

Referencias Bibliográficas

AGEITEC – Agência Embrapa de Informação Tecnológica. Antracnose (*Colletotrichum gloeosporioides* (Penz) Penz. & Sacc). Visualizado em: <http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/caju/arvore/CONT000fielsfi902wyiv80z4s473ewtp564.html> Acesso em: set. de 2016.

KIMATI, H.; L. AMORIN; J. A. M. REZENDE; A. BERGAMIN FILHO; L. E. A. Camargo. Manual de Fitopatologia, 4. ed., São Paulo: Agronômica Ceres, 2005.

SERRANO, L.A.L.; PESSOA, P.F.A.P. Aspectos econômicos da cultura do cajueiro. Sistema de Produção do caju, Edition: 2ª, Chapter: 1º, Publisher: Embrapa Informação Tecnológica. p. 02-10, 2016.

AGROLINK. Antracnose. Visualizado em: http://www.agrolink.com.br/agricultura/problemas/busca/antracnose_1510.html Acesso em: set. de 2016.